



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DO CONSUMO  
CURSO DE BACHARELADO DE CIÊNCIAS DO CONSUMO

KAREN ARYADNA NASCIMENTO DA SILVA

**A PIADA DA CENSURA: L.L E O DISCURSO CÔMICO CONTROVERSO**

Recife,  
2023

KAREN ARYADNA NASCIMENTO DA SILVA

**A PIADA DA CENSURA: L.L E O DISCURSO CÔMICO CONTROVERSO**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito para conclusão do Bacharelado em Ciências da Consumo.

Orientação: profa. A Dra. Carolina Cavalcanti Falcão.

Recife,  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S586p

silva , Karen Nascimento

A PIADA DA CENSURA: L.L E O DISCURSO CÔMICO CONTROVERSO / Karen Nascimento silva . - 2023.  
35 f. : il.

Orientador: Carolina Cavalcanti Falcao.  
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em  
Ciências do Consumo, Recife, 2023.

1. L.L. 2. Consumo de Informação. 3. Consumo de Entretenimento. 4. Humor Ácido. 5. Censura. I. Falcao, Carolina  
Cavalcanti, orient. II. Título

CDD 640

---

KAREN ARYADNA NASCIMENTO DA SILVA

**A PIADA DA CENSURA: L.L E O DISCURSO CÔMICO CONTROVERSO**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências do Consumo do Departamento de Ciências do Consumo, Universidade Federal Rural de Pernambuco, pela seguinte banca examinadora:

Banca Examinadora

---

Orientadora: Dra. Carolina Cavalcanti Falcão  
Departamento de Ciências do Consumo/UFRPE

---

Examinadora: Dra. Laurileide Barbosa da Silva  
Departamento de Ciências do Consumo/UFRPE

---

Examinadora: Dra. Fabiane Alves Regino  
Departamento de Ciências do Consumo/UFRPE

Recife – PE, 28 de Abril de 2023

Esse trabalho eu dedico primeiramente a Karen do futuro, para ela sempre lembrar que tudo é passageiro, como tudo o que foi vivido durante o processo de escrita deste tcc. E ao meu terapeuta, que sempre consegue me tirar da insanidade de mim mesma.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe, Elaine Cristina do Nascimento Mesquita, por sempre estar comigo, e ser a minha base. Aos meus amigos, que sempre se fizeram presente e me motivaram, vocês sabem quem são. Meu terapeuta, Marcus Fontes, que nunca me deixou desistir, de mim ou dessa pesquisa. A coordenadora Laurileide Barbosa da Silva, por ter acreditado em mim e no meu potencial desde o início do curso. E a orientadora, Carolina Cavalcanti Falcão, pela ajuda, delírios e instabilidades, vividos constantemente na construção desse trabalho, e agora eu nunca mais vou duvidar de mim quanto a desistir de algo, porque se eu não desisti disso aqui, não desisto de mais nada, obrigada. Agradecimento especial à banca, Fabiane Alves Regino.

A vida é uma comédia para os que pensam e uma tragédia para os que sentem.  
Horace Walpole

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a normalização que foi dada frente aos discursos do humorista L.L, e a forma com que rapidamente são comentados e compartilhados como apenas uma piada. Percebeu-se o aumento desse tipo de comédia Stand Up e como o espaço digital tem papel de influência. Dessa forma, L.L utiliza o espaço digital como forma a promover uma “livre manifestação”, como se não houvesse qualquer regulação ética na sociedade. Partindo da compreensão sobre o papel político da comédia e a função social do humor, propõe-se uma Análise de Conteúdo (AC) das postagens de L.L, buscando abordar o entendimento das problemáticas sociais que envolvem seu discurso na Internet, tendo como termo central, o significante "censura". Com essa análise, a pesquisa sugere que o comediante se utiliza de duas estratégias para transmitir sua mensagem. A primeira é a controvérsia, através do uso da palavra censura, como um vetor de ganho de audiência e visibilidade na economia das redes. A segunda, o uso da palavra censura também com um discurso ativo, quando ele sofre tentativas de interdição de seu discurso.

Palavras-chave: L.L. Consumo de Entretenimento. Consumo de informação. Humor Ácido. Censura.



## **ABSTRACT**

This paper aims to discuss the normalization that has been given to the speeches of comedian L.L, and how they are quickly commented and shared as just a joke. The increase of this kind of Stand Up comedy and how the digital space has an influential role was noticed. In this way, L.L uses the digital space as a way to promote a "free manifestation", as if there was no ethical regulation in society. Based on the understanding of the political role of comedy and the social function of humor, we propose a Content Analysis (CA) of L.L' posts, seeking to approach the understanding of the social problems that involve his discourse on the Internet, having as a central term, the signifier "censorship". With this analysis, the research suggests that the comedian uses two strategies to convey his message. The first is controversy, through the use of the word censorship, as a vector to gain audience and visibility in the network economy. The second, the use of the word censorship also with an active discourse, when he suffers attempts to ban his speech.

Keywords: L.L. Entertainment Consumption. Consumption of information. Acid Humor. Censorship.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Print principais perfis do L.L.....	23
Imagem 2: Print publicações com maior engajamento.....	23
Imagem 3: Comentários dos seguidores de L.L.....	24
Imagem 4: Print da Comemoração de L.L sobre 20ª censura.....	27
Imagem 5: Print Destaque no perfil de L.L, com título “Doentes”.....	30
Imagem 6: Prints de publicações que L.L faz referências ao coringa.....	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1 Do bobo da corte ao comediante em pé e online: um percurso de sentidos</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Stand-up Comedy, ou a comédia em pé</b>	<b>13</b>
<b>2 A comédia em pé e online</b>	<b>18</b>
<b>2.1 O caso L.L</b>	<b>21</b>
<b>3. Análise do caso L.L, ou: por que a piada da censura</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Análise de Conteúdo</b>	<b>27</b>
<b>3.2 Leitura Flutuante: o feed de L.L</b>	<b>27</b>
<b>3.3 Exploração do material: o conteúdo da censura</b>	<b>31</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu do incômodo com um tipo de discurso que vem se tornando cada vez mais comum no mundo digital: a proliferação de perfis de humoristas que se tornam famosos por fazerem piadas ofensivas e violentas contra minorias sociais como a LGBTQIA+, população negra, mulheres, crianças com deficiência etc. O objeto central de análise é o perfil do humorista L.L (@leoL.L), que tem os principais acontecimentos casos de ataque a uma criança com hidrocefalia e piadas gordofóbicas e de demonstração de aversão a outras minorias. Assim, nosso principal objetivo é analisar o discurso contra censura que o referido humorista constrói como forma de atenuar ou mesmo ridicularizar as críticas feitas ao seu conteúdo. Trata-se de um trabalho qualitativo, devido ao seu caráter analítico e exploratório, que tem na metodologia da análise de conteúdo de Bardin seu referencial metodológico.

Para esse trabalho, desenvolvemos uma contextualização histórica que se inicia com a figura do bobo da corte e sua configuração pícara. Esse processo é importante para mostrar como o discurso cômico pode ser lido como uma ferramenta política, revelando que o riso é um fenômeno social, que demonstra relações de poder. Em seguida, no capítulo 2, traçamos um cenário em que a piada stand up (ou piada em pé) se populariza no Brasil e ganha ainda mais força e expansão no mundo digital. Nesse sentido, é importante ressaltar como o referido humorista se insere num processo bastante contemporâneo de humoristas que ganha visibilidade não por conta dos formatos de televisão, mas em função do alcance de suas contas digitais. Essa característica é importante porque mostra o funcionamento das redes digitais, que atribuem bastante relevância a temas, produtos e perfis cada vez mais controversos.

No terceiro capítulo, exploramos a metodologia da análise de conteúdo para mostrar como o termo censura possui uma significação específica no discurso de L.L. Os procedimentos metodológicos permitiram que fosse possível elaborar um recorte das postagens que mostra que o conteúdo mais relevante e engajado da conta é justamente aqueles em que o humorista revida com o termo censura os processos de contestação de suas piadas violentas. Dessa forma, é possível compreender como uma expressão tão relevante no cenário político se torna uma espécie de proteção à sua conduta.

Seguindo a ótica do conceito de consumo, segundo Livia Barbosa (2003, p. 26), o consumo é um processo social de provisão de bens e serviços; mas também um mecanismo produtor de sentidos e identidades. O consumo ligado ao entretenimento e à informação, se

encaixam na necessidade social de direitos, por lei, a população tem que ter acesso à informação, mas não é clara qual ou onde a pessoa obtém aqueles dados. A margem de veículos e bombardeio de dados por acesso diário, faz chegar ao indivíduo todo e qualquer tema, e partindo do pressuposto que se não há filtro do que é bom ou não, o que vai ser absorvido pode resultar em uma sociedade doente, violeta, alienada, vulnerável e principalmente manipulada.

O humor no Brasil é uma característica sobre a qual os próprios brasileiros brincam, marcando uma identidade ligada ao riso, à descontração e à leveza que levam a vida, mesmo com tantas adversidades. Isso faz com que o consumo de entretenimento ligado ao humor seja também muito forte, sobretudo quando se analisa o fato de que o StandUp veio dos Estados Unidos, e rapidamente atingiu diversos públicos e veículos. Como veremos, formatos diversos, da televisão aos shows aderiram a esse gênero de fazer comédia em pé. Esse mercado continua em ascensão, ampliando tanto os diversos nichos de consumidores, quanto diversificando os tipos e temáticas com que os humoristas trabalham, em todo o país.

Pensando em todas essas transformações, a formação do cientista do consumo, traça uma trajetória de conhecimento em áreas diversas na qual, mostra na rotina de estudos, a importância dos estudos e base sobre as relações de consumo, seja elas serviços, bens ou interpessoais, estado e a sociedade como um todo e claro, os métodos e meios de produção e consumo. Portanto, o cientista pode vir a atuar, nos setores públicos e privados, com ou sem fins lucrativos, terceiro setor e movimentos sociais, partir para a área mais criativa, como empreendedores, profissionais autônomos, e principalmente as áreas de conhecimento e experiência do consumidor.

## 1 Do bobo da corte ao comediante em pé e *online*: um percurso de sentidos

A figura do bobo da corte abre nossa perspectiva de trabalho porque nos revela uma espécie de origem das atividades desenvolvidas atualmente pelos comediantes que oferecem suas piadas nos palcos virtuais ou off-line. De forma resumida, o bobo da corte nada mais era que o "funcionário", cuja função era divertir os reis e toda a corte europeia. Segundo Daniel Maicá<sup>1</sup>, de maneira geral era um personagem inteligente, atrevido e sagaz; dizia o que o povo gostaria de dizer ao rei, zombava da corte, apontando de forma grosseira os vícios e as características da sociedade sem haver qualquer punição, falava verdades em tom de brincadeiras. Como explica Cecília Cori (2018), a roupa do bobo era feita de retalhos, demonstrando como ele não se encaixava em nenhuma classe social. Essa característica lhe possibilita um livre trânsito entre os vários grupos sociais. Assim:

Uma vez que está sempre com os trajes inadequados, o Bobo é taxado como estrangeiro e isto é o seu passe dentro e fora da Corte. A composição de elementos díspares está tão presente na figura do Bobo da Corte que sua vestimenta era específica e cabia apenas a ele. Se fantasiando com roupas espalhafatosas e guizos, se faz constantemente de ridículo para toda a Corte e, por isso, se faz fundamental nos momentos de crise política (MORI, 2018, p. 84).

A eficácia do Bobo também está em seu método. O uso de brincadeira, galhofas, piadas e alegorias fazia dele um conselheiro bastante peculiar das cortes medievais e das monarquias modernas. Ainda segunda a autora, o Bobo ri de tudo e usa metáforas para promover relações reflexivas sobre qualquer assunto. De caráter escorregadio, esse personagem está sempre “em trânsito” nunca pertencendo a um lugar específico. O fim dos regimes monárquicos na Europa decretou o fim também desse “cargo” da corte, mas não eliminou a presença da figura pícara nas sociedades. Nosso argumento é que uma parte significativa dessas atividades ainda pode ser encontrada no fazer dos comediantes, sobretudo se levarmos em consideração a relação próxima entre comédia e política e crítica social.

Seguindo essa lógica, os comediantes são uma espécie de “herdeiros” de uma certa concepção de arte cômica (de fazer rir) que se orienta pelos jogos de mímica, pelas piadas e pela exposição do ridículo. Como explica Assis et al (1998), a lógica do cômico é a da complexidade, abrigando o duplo sentido, o erro, ou os jogos absurdos. “Ele se caracteriza

---

<sup>1</sup> Ver: <encl.pw/KRIro>

por colocar-se à margem da sociedade, questionando a estrutura da ordem social, tratando do reprimido, ligando o homem à sua essência e à sua condição” (p. 2).

Outro aspecto importante sobre a comédia é a sua característica coletiva. Afinal, “ninguém ri sozinho”. Ou seja, o risível é sempre uma construção social (Nietzsche), para “o riso deve corresponder a certas exigências da vida comum, de modo a ter uma significação social. A comédia vem falar do que já existe, localizada em determinado espaço-tempo” (p. 10). Nessa perspectiva, a forma mais comum de aprendermos a comédia é aquela encenada em palcos ou programas de televisão. Nossa memória midiática está recheada de exemplos, que vão desde peças clássicas como “O bruguês ridículo” a programas de televisão que conheceram grande popularidade, como Zorra Total ou a Escolinha do Professor Raimundo.

Isso nos mostra que a comédia se insere numa forte cultura do entretenimento, se tornando um produto que tanto serve à crítica social quanto às formas de conteúdo típicas da cultura de consumo cultural e a emergência que vivemos hoje, ligada completamente à emergência que o capitalismo já tão desenfreado, produzindo novas formas de consumo. Baudrillard (1983), disse que a televisão produziu um excesso de imagem e informação que ameaça o sentido da realidade, hoje ainda é possível se perceber isso, porém muito mais fortes com a internet e os celulares smartphones, no qual a proliferação de signos e imagens, recaí sobre a diferença do real e o imaginário. Hoje estamos também vivendo a era da estética, do filtro do instagram que melhoram a aparência, por consequência disso, as pessoas estão sofrendo distorção de imagens, valorizando mais o parecer, do que o ser. Em “A sociedade de consumo”(83), Baudrillard, já percebia os efeitos dessa possível mudança futura na cultura de consumo, que hoje linkamos ao entretenimento, quando cita “ a cultura de consumo é efetivamente uma cultura pós-moderna, uma cultura sem profundidade, na qual todos os valores foram trans avaliados, e a arte triunfou sobre a realidade”.

### **1.1 Stand-up Comedy, ou a comédia em pé**

Com o forte apelo da cultura do entretenimento, a comédia em pé, ou stand up, tem suas raízes na América do Norte, precisamente nos Estados Unidos, no final do século XIX. Segundo Samantha Beduhn (2011), nessa época os humoristas eram vistos apenas como contadores de anedotas, sem um reconhecimento maior e as apresentações eram feitas sempre antes de programas de rádio. Há quem fale que o stand-up é um filho de muitos pais, devido

a sua construção para existir de fato, como é nos dias de hoje. Lembra-se de Jack Benny, Fred Allen e Bob Hope, que a princípio eram mestres de cerimônia nas rádios do país, e depois passaram a abrir shows noturnos de forma improvisadas com discussões engraçadas, não demorando muito a esse estilo de comédia ir para a televisão e logo em seguidas, ter um público a frequentar clubes apenas para assistir esses ditos, monólogos humorísticos (BEDDUHN, 2011).

Passou a ser reconhecido nos EUA, mas foi na década de 50, que o stand-up começou a ser realizado, na época esse modelo foi bastante inovador, perdurando e evoluindo até os dias atuais. Com crítica social e política, humor ácido, obsceno e racista, foi criado por Fred Allen, no qual era o comediante mais admirado e mais censurado, na época de ouro do rádio americano. Ao assistir a apresentações e entrevistas, nota-se que no stand-up tenha há o improviso, mas o evento não se baseia total dessa maneira, ao contrário disso, os textos são em sua maioria autorais e relacionados ao cotidiano, mas durante o show há interação com a plateia, dessa forma o artista precisa estar pronto para transformar rapidamente em piada, um comentário ou resposta, a partir da ali, tudo continuar. Ou seja, o show não é com improviso, mas se ele precisar, saber utilizar bem e não perder, como eles dizem o “*time*”.

Apesar do Stand Up Comedy ter chegado ao Brasil em meados dos anos 2000<sup>2</sup>. Em 1959, José Vasconcelos<sup>3</sup> já estava se arriscando no estilo, logo depois Chico Anysio<sup>4</sup>, que durante anos, foi responsável por vários quadros, inclusive por um show no programa Fantástico e Jô Soares realizou shows no Teatro da Cultura Artística que eram sempre lotados, embora os 3 dissessem que era stand up, eles não seguiam o que era de fato, tinham efeitos, personagens, estavam sempre vestidos formalmente, acompanhados por banda com várias pessoas e existia uma programação<sup>5</sup>. Diferente de como os comediantes dos anos 2000 atuaram, sendo eles

---

<sup>2</sup> Ver.: **Fala!Universidade Federal de Pelotas (UFP)**, 2021.Ver: <11nq.com/3rePB>. Acesso em: 23/02/2023.

<sup>3</sup> Nascido em Rio Branco, no Acre, José Tomaz da Cunha Vasconcellos Neto era considerado um dos grandes nomes do humor brasileiro. Começou na rádio e ganhou destaque fazendo esquetes de personagens gogos. Na televisão, interpretou o personagem Rui Barbosa Sa-Silva, na "Escolinha do Professor Raimundo" da TV Globo. Sua última aparição nas telas foi no humorístico "Escolinha do Barulho", da TV Record, em que viveu o mesmo personagem.

<sup>4</sup> Chico Anysio nasceu no Ceará, em 1931. Entrou na Globo em 1969. Mestre do humor, criou mais de 200 personagens ao longo da carreira, entre eles Professor Raimundo, Alberto Roberto, Salomé e Roberval Taylor. Morreu em 2012, aos 80 anos.

<sup>5</sup> Ver: <https://www.standupcomedy.com.br/StandUpComedy>



Marcela Leal<sup>6</sup>, Rafinha Bastos<sup>7</sup>,<sup>8</sup>Fábio Porchat, entre outros, que atuaram no Comédia em Pé, o primeiro clube da comédia Stand Up em São Paulo (MANSFIELD, Marcelo. Stand Up Comedy Brasil<sup>9</sup>, e que são lembrados até hoje como os pioneiros do estilo e da comédia no país. Não existia um glamour no show e muitos aparatos, o padrão consiste em ser apenas o microfone, o artista com roupas casuais e os textos criados por eles próprios. Apenas em 2005, que o stand up Comedy se concretizou no Brasil, replicando o estilo americano<sup>10</sup>.

Ao escrever sobre a comédia, Luiz Paulo Vasconcellos explica que ela se trata de “uma das principais formas do drama, que enfatiza a crítica e a correção, através da deformação e do ridículo” (VASCONCELLOS, 2010: 61). Mesmo com a comédia em pé já instalada no país, o consumo do humor ainda estava amplamente focado nos filmes e na televisão. Um exemplo disso, é que na década de 1990 foi ao ar, de forma independente (Globo.com), um dos programas de humor que veio a se tornar um dos mais conhecidos do Brasil e marcar história, a Escolinha do Professor Raimundo<sup>11</sup>. Protagonizada por Chico Anysio, um dos comediantes mais populares do país na época, o programa chegou a consolidar 9,5 pontos de audiência<sup>12</sup>. Como o nome sugere, era uma “emulação” de uma sala de aula, em que os personagens apesar de em sua maioria representassem estereótipos de gênero, de classe e sexuais amplamente “aceitos” na sociedade da época, algumas piadas também tinham raiz política. Após diversas mudanças de horários desde quando estreou, passando de dias da semana, para só finais de semana, ou até mesmo só 1 dia e/ou em 2 horários, em janeiro de 1995 o programa saiu do ar, voltando em 1999, como um quadro, do programa Zorra Total, permanecendo até os anos 2000.

Zorra Total é um programa da rede Globo, no qual, segue o mesmo estilo de humor, com personagens emblemáticos e que enfatizam preconceitos, mas que ao longo das mudanças da

<sup>6</sup> Marcela Leal, atriz, humorista e roteirista, e durante anos foi integrante do extinto “Clube da Comédia Stand-up”, do Seleção do Humor Stand-up e viaja seu show solo de stand-up comedy “Tirando do Sério”. Na TV escreveu para o canal Nickelodeon, Multishow e apresentou um programa de stand-up comedy chamado “Minuto da Comédia com Marcela Leal” na BANDNEWSTV.

<sup>7</sup> Rafinha Bastos, o seu primeiro trabalho em televisão, deu-se na Rede Manchete em 1996, logo após, entrou na TVE RS, uma emissora de TV pública do Rio Grande do Sul. Em 2001, entrou para a RBS TV. Produzia vídeos independentes para sua página de humor na internet, a Página do Rafinha, na qual fazia paródias de videoclipes famosos.

<sup>8</sup> Ator, roteirista, produtor, apresentador, diretor. Nascido no Rio de Janeiro, em 1º de julho de 1983, viveu até os 19 anos em São Paulo. Em 2002, quando era aluno de Administração da ESPM, foi ao programa do Jô Soares, onde acabou por apresentar um esquete de sua autoria, baseado no seriado “Os Normais”. Foi quando decidiu seguir a carreira de ator.

<sup>9</sup> Ver: Stand Up Comedy Brasil. Ver: <11nq.com/bqXTA>. Acesso em: 23/02/2023

<sup>10</sup> Ver: A ascensão do humor no Brasil: como tudo começou?. Central Sul, 2019. Ver:

<enr.pw/UQrqK>

<sup>11</sup> No ar das 12h47 às 14h17, a Escolinha do Professor Raimundo marcou **9,5 pontos, 11 de pico e 21,3% de participação no número de televisores ligados (share)**. Ver:: <rd1/TERRA>

<sup>12</sup> Ver:: <rd1/TERRA>

sociedade, por exemplo, a não mais normalização da homofobia e/ou racismo. Se tratando do veículo ser a tevê, e mais ainda em canal aberto, as regulações e normas precisam de fato ser respeitadas, e por ser programa de humor, existe um limite social que permite até onde é piada, ou um preconceito maquiado de forma sutil, ou seja, empurrando nos telespectadores de forma ambígua, retirando a responsabilidade com o prejuízo que a longo causa no social. Portanto, programas que trabalham com humor de forma geral, precisam está sempre se readaptando, seja no discurso, ou troca de personagens, pois as mudanças devem acompanhar o que está sendo de agrado do público, transformações da população. Devido a todas essas problemáticas passadas e cultuadas em plena rede nacional, o programa da Escolinha do Professor Raimundo, se encerrou nos anos 2000,<sup>13</sup> a emissora fez mudanças e sem o protagonismo de Chico, retornou às telas em 2015, embora tenha passando novamente por outra reformulação, no final de 2020, a escolinha e o zorra, saem do ar, devido às acusações de assédio moral, ao ex-coordenador da área de humor, Marcius Melhem<sup>14</sup>, que em uma das alterações, protagonizou o papel principal, substituído anteriormente por Bruno Mazzeo, ator e filho de Anysío.

Além da função crítica, política e social, podemos citar também o impacto benéfico do humor, pensando na nossa sociedade atual que se encontra tão doente, principalmente os jovens e adultos, cercados de problemas psíquicos e emocionais, que o ato de rir, liberar endorfina, não é a solução, mas é uma das indicações como tratamentos à promoção da saúde, um exemplo de referência à colocar, seria os palhaços de hospital, que frequentam em sua maioria, ala de pessoas com câncer. Henri Bérghson<sup>15</sup>, no final do século XIX, em um de seus estudos sobre o riso, reconhece que embora seja uma fonte de prazer inesgotável, é também uma prática de poder, que pode também ser utilizada para a manipulação de pessoas, como marionetes, processo claro no conceito de “pão e circo”. Ao pensarmos que um dos mal do século é o imediatismo e como a construção de figuras dele ligadas ao humor pode ser

---

<sup>13</sup> GUIMARÃES, Cléo. É oficial Globo decreta fim do “Zorra” e da “Escolinha do Professor Raimundo”. **VejaRio**. Out/2020. Disponível em: < [l1nq.com/zK8HB](http://l1nq.com/zK8HB) >

<sup>14</sup> Marcius Melhem, 51 anos, ator, humorista, roteirista e ex-coordenador de humor da Rede Globo. **VejaRio**. Out/2020. Disponível em: < [l1nq.com/zK8HB](http://l1nq.com/zK8HB) >

<sup>15</sup> Francês que dividiu a sua vida entre o século XIX e o XX, e que alcançou a ciência, ao ponto de discutir a natureza do tempo com o cientista **Albert Einstein** no início do século XX, esteve presente no primeiro **International Congress of Philosophy** (1900, em Paris), onde leu um ensaio sobre as origens psicológicas da crença, aplicadas à própria lei da causalidade. Outra das temáticas que estudaria seria o riso, concebendo-o como um corretivo evoluído que possibilita a existência de relações humanas, e como a comédia importante na integração de indivíduos na atividade social, nem que se prenda àqueles que não se adaptam à realidade. A relevância do seu contributo levá-lo-ia a juntar-se à **Académie des Sciences Morales et Politiques**, em 1901.

(Brandão, Lucas. Quem foi e o que pensou Henri Bergson? **Comunidade, cultura e arte**, 2017. Ver: < <https://abrir.link/o178q> > Acesso: 06/03/2023

danosa, já vem os “memes”, que no mesmo sentido que podem ser criados para fazer graça de forma inocente e boa, ele facilmente pode ser a linguagem rápida de reforços à estereótipos e discurso de ódio na internet, e em questão de minutos, alcançar um volume grande de pessoas, e até o país inteiro, podendo vir a ser um elemento de poder de subversão social, quanto confirmar, reafirmar ou contestar a ordem pública estabelecida, ser instrumento de alienação social, construindo estereótipos e reforçando diferenças e discriminações.

## 2 A comédia em pé e online

Com o rápido avanço da internet desde sua criação, a mudança nos hábitos de consumo chegou aos mais diversos nichos, percebendo mudanças, até no fluxo do público que frequentava teatros, por ser o único lugar a ter acesso a peças e também shows de humor, essa modificação trouxe acesso à novas formas e espaço para consumir esses conteúdos específicos. De uma maneira geral, o teatro sempre existiu, mas pensando precisamente no período do renascimento, idade média, em que os espetáculos teatrais eram populares e se encenavam nas ruas, com textos e personagens improvisados, mas foi a partir do realismo, no século XX, que o teatro vira instrumento de discussão e crítica da sociedade.<sup>16</sup> Assim, Inicialmente, o acesso às apresentações e pessoas frequentarem teatros por ser ao vivo e como forma de diversão, anos depois, mesmo com criação do circuito elétrico e da energia, o surgimento do rádio e depois a tevê, nos quais eram transmitidos novelas e notícias, e virar o novo passatempo, com restrição de acesso à poucos, o teatro continua com seu público, não mais tão forte, mas ainda assim sendo consumido, hoje temos devido a evolução da internet, estamos sempre “online”, para ter acesso a informação não precisamos mais no direcionar a lugar, ou até mesmo nos movimentar muito, para nossa comodidade a diversão e tudo que queremos, está ao nosso alcance em um “clique”, e esse processo evolutivos dos espaços, isso não foi diferente para o acesso ao teatro e/ou só o que ele oferecia. Quem sempre foi de ao vivo, vai continuar frequentando, mas quem prefere não se deslocar, também há essa opção, as mudanças foram para a promoção de mais espaços sociais e não exclusão e julgamento de melhor ou pior, mas sim esse ciberespaço trouxe novas maneiras de se fazer humor, com igual objetivo, divertir e trazer alegria a quem consome.

Através desta cibercultura alimentada incessantemente por um volume inesgotável de informações, surgiu e a cada dia vem crescendo mais as chamadas “armas de alcance”, no qual consegue atingir um grande volume de pessoas, em pouco tempo, fruto do marketing de gatilhos, que funciona dentro de um grande ciclo chamado de aprovação social, é uma das formas conhecidas e utilizados também, para mostrar o diferencial de um produto, marca, pessoa, entre todos os outros contidos ali naquela rede.

Alguns atuantes do stand-up têm uma perspectiva de estarem transformando a "tragédia" e/ou tristeza em comédia, para amenizar a dor, e quem está com a postura errada, são as pessoas que eles chamam de “Politicamente corretas”, acharem ruim essa forma de fazer

---

<sup>16</sup> Ver: <<https://abrir.link/LGgMH>>

piada. Como na Internet tudo acontece muito rápido e sem muito controle, e com a pandemia as pessoas dentro de casa e só tendo as redes sociais para recorrer, e principalmente os jovens, se intensificou mais ainda o uso, se consolidando estilos e formas de se apresentar de forma online. Um desses exemplos, foi a facilidade que a população mais jovem percebeu de ganhar dinheiro com engajamento, precisando apenas de um celular e já virou “produtor de conteúdo”.

A cultura e importância do engajamento vem crescendo no mundo digital a pouco tempo junto às redes sociais. É uma palavra que tem peso na sociedade atual, quando se fala em um conteúdo ser relevante, ou seja, o público gostar ou não. O que define o que o público são as quantidades de cliques, seja likes, visualização de perfil ou compartilhamento da publicação, quanto mais engajamento, maior relevância e a rede sociais vai mostrar para cada vez mais usuários através de propagandas aquele anúncio.

Devido à pandemia, a internet ajudou a nascer um novo nicho de trabalho, chamado de Influencers, que corresponde grosseiramente às respostas para as seguintes perguntas: qual o personagem que você vai adquirir para postar? Como é a vida dele? a sua no caso, do que vive e principalmente, quais são os ideais que você defende? Ou seja, um personagem de você mesmo, mas que tem a vida perfeita, e assim faz sucesso, tudo muito sutilmente e com efeito rápido. Ainda nesse olhar de “personagem” alguns comediantes de Stand-up, em seus shows, defende a teoria que suas piada, são somente piada e não posicionamento da vida real. Alguns como L.L, mais conhecido como L.L, já recebeu inúmeros processos.

Demitido do SBT, L.L acumula processos por piadas preconceituosas devido a seus conteúdos<sup>17</sup>. No entanto, ele sempre querendo se colocar em “local de fala”, como um injustiçado, um exemplo disso, é um destaque em seu perfil, com o título “Censura”. Tem todas as vezes que barraram seus shows, o processaram ou expressaram não gostar dele, o problema é sempre da sociedade. Sobretudo, explica o humorista, por não entenderem o seu humor ácido, e não dele por expressar frases destrutivas, que expõe os mais diversos públicos ao ridículo, ou seja, a grande piada dele gira em torno, da censura.

Muitos são os artistas, independentes de sua área de atuação, que fazem sucesso no país e alavancaram a carreira passando por outros países. A forma como o comediante L.L ocupa esse ciberespaço, não é a única. O caso mais exemplar é o de Whindersson Nunes. Whindersson, tem histórico de família humilde, começou fazendo vídeos de forma caseira na

---

<sup>17</sup> Ver: <https://linkss.app/iQXsx>

Internet e hoje além de produtor de conteúdo, comediante, e cantor, é um dos youtubers mais conhecidos no mundo.

O conceito de transmídia, entrou em discussão nos anos de 1991, pelo professor Marsha Kinder, da University of Southern California. Ele explica que o conceito, se dá a utilização de vários tipos de mídia, usada estrategicamente pelo marketing, onde se tem uma variedade de conteúdo que se complementam, nutrindo um mesmo universo, dando ao consumidor daquele conteúdo, inúmeras formas de mídia a serem explorados, de um mesmo produtor. Sendo os dois artista, fruto da mesma área, humor, e seguindo a ideia de transmídia, quanto menor é a variedade, o discurso do “personagem” em um único momento ele tende a ser mais controverso, pois a gerência de foco, é apenas para um formato, o discurso duvidoso não tem muito espaço para ser perceptível ao público em tão curto espaço de tempo. E tendo mais de um local, a fala tem mais espaço para ser entregue com clareza, a diferença de L.L, atuando fortemente apenas nos palcos de seus shows, e Whindersson, como ator, músico, produtor de conteúdo e influencer, tornou seu conteúdo relevante de forma estratégica, nos quais se complementam entre si, por consequência gerou uma construção de uma relação de inteligência coletiva e afetiva, com seus consumidores. A autora deixa intuitivo, que sobre o humor, do que se rir, diz mais sobre você, do que de quem está veiculando a mensagem, pois para um comediante, o riso é consequência da compreensão rápida da mensagem passada, sem precisar de explicação.

Bergson (2001) considerava a inteligência como inerente ao riso, ou seja, o ato de achar graça em uma piada, é reflexo do senso crítico de quem consome, pensando no fato de tradicionalmente o humor utilizar a ironia, o exagero, o ridículo e o cômico, a escolha de quais pontos você vai rir, é do subconsciente de cada um, o julgamento, se há filtro ou limite para rir diante de determinado tipo de humor, diz bastante sobre o público que está assistindo.

Pensando-se na utilização do conceito de WEB 2.0, para o uso da internet como plataforma e o que a envolve, em 2004, a empresa americana O'Reilly Media<sup>18</sup> criou o termo como definição para a segunda geração de comunidades e serviços, como aplicativos, redes sociais, sites e a tecnologia da informação. Partindo do pressuposto do desenvolvimento de uma rede de informações, onde todos os usuários além de usufruir, também podem e devem contribuir, a sua regra principal é a inteligência coletiva, ou seja, multiplica as possibilidades de aprender, a compartilhar conteúdos, experiências e conhecimentos. Um desses exemplos de rede é o brainly, uma comunidade na internet de compartilhamento de conhecimentos,

---

<sup>18</sup> Ver: <https://www.oreilly.com/>

mais conhecida no Brasil. Pensando nos canais de transmissão, como a tevê e o rádio, os pontos-chaves utilizados pela comédia ao longo dos anos, têm sido adaptados à linguagem das novas tecnologias, sobretudo a internet, onde o volume de informações, serviços e produtos são praticamente inesgotável, a forma das pessoas se relacionarem mudou, antes o investimento em marketing, eram propagandas nos canais tradicionais e outdoors pelas cidades, hoje nessa nova era, o Marketing Digital; tem o foco nas redes sociais, a busca por engajamento, like e seguidores.

O profissional que hoje não migra para esse ciberespaço, é defasado, atualmente o mercado está online, e quem não se adequa não é visto, não existe. Esse efeito vai para todas as áreas de atuação, e quem é artista, de Stand Up no caso, tem que se divulgar nas redes sociais, além de falarem nos shows e em seus sites. No instagram, ou twitter, os humoristas colocam recortes de seus shows que acham que vai gerar engajamento e detalhes de programação e suas “chamadas”. Todavia, é um ambiente no qual eles não expressam sua opinião, mesmo sabendo da influência que tem como formadores de opinião, e principalmente em questões político-sociais, são poucos os que “têm coragem” para falar abertamente seu ponto de vista pessoal. Em sua maioria utilizam da proposta que criaram um personagem, aquele que está em cima do palco, e esse que utiliza de tópicos importantes da sociedade para fazerem as piadas, se ausentando da responsabilidade sobre o que estão dizendo, e pelo fato de o show ser deles e utilizarem a internet como veículo, acham que podem falar e fazerem o que querem, provando não acreditar nos nossos maiores princípios sociais, o da liberdade de expressão e da dignidade da pessoa humana, eles regem a sociedades, um exemplo desse profissional, é L.L.

## 2.1 O caso L.L

Leonardo de Lima Borges Lins, conhecido como L.L, é um humorista, escritor e ator brasileiro, conhecido por suas piadas de humor ácido. Iniciou sua carreira no stand-up em 2005, depois foi integrante do grupo Comédia em Pé<sup>19</sup>, o primeiro grupo de stand up do país<sup>20</sup>. Segundo o Theatro Pedro II,<sup>21</sup> o portfólio do humorista é enriquecido, já realizou mais de mil apresentações ao longo da carreira, e até em outros países. Acumulando hoje cerca de 1,5 Milhões de seguidores no Instagram, 857.161 Milhões no twitter, e 1,11 Mi no youtube,

---

<sup>19</sup> Comédia em Pé é o primeiro grupo de comédia stand-up do Brasil, criado por Fernando Ceylão, Paulo Carvalho e Cláudio Torres Gonzaga estreando em março de 2005 no Rio Design Leblon no Rio de Janeiro. Ver: <http://www.comediaempe.com.br/> e <https://abrir.link/dhPUo>.

<sup>20</sup> Ver: [www.comediaempe.com.br](http://www.comediaempe.com.br)

<sup>21</sup> O terceiro maior teatro de Ópera no país. Ver : <https://www.theatropedro2.com.br/index.php>.

com vídeos que chegam a 12 Mi visualizações. (Acesso em 05/03/2023) O comediante é o seu próprio empreendedor digital ou “influencer digital”, da sua própria marca, no caso de si próprio, ou seja, é uma pessoa que utiliza da sua relevância, credibilidade e popularidade, que lhe foi dada por um público em sua maioria fixo, de seguidores engajados. Utiliza das redes sociais para conduzir opiniões e comportamentos, que por sinergia, serão replicadas e dessa forma, produz o “efeito manada”. Sendo uma área nova, não existe qualquer restrição, ou uma receita de bolo para atuar, a base é o que dá certo, ou seja o público dá “like”, porém, se o contrário ocorrer, eles não gostarem, na linguagem de hoje, é “cancelado” na internet, que na verdade, nada mais são do que as críticas destrutivas de imagem, boicotes de eventos, mas ainda assim gera muito *views* para suas redes sociais, e Leonardo, usa isso a seu favor.

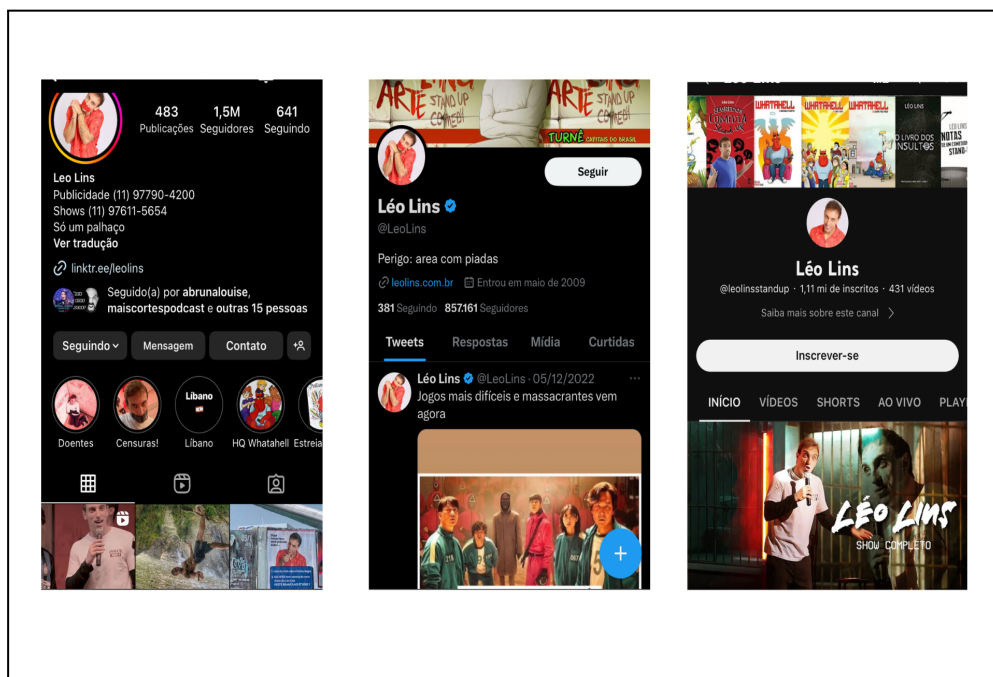


Imagem 1: Print principais perfis do L.L



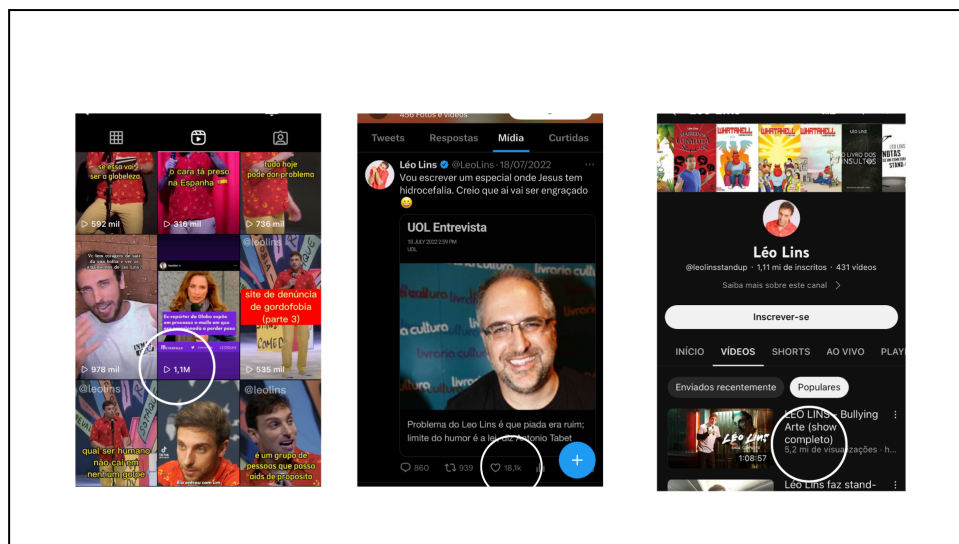
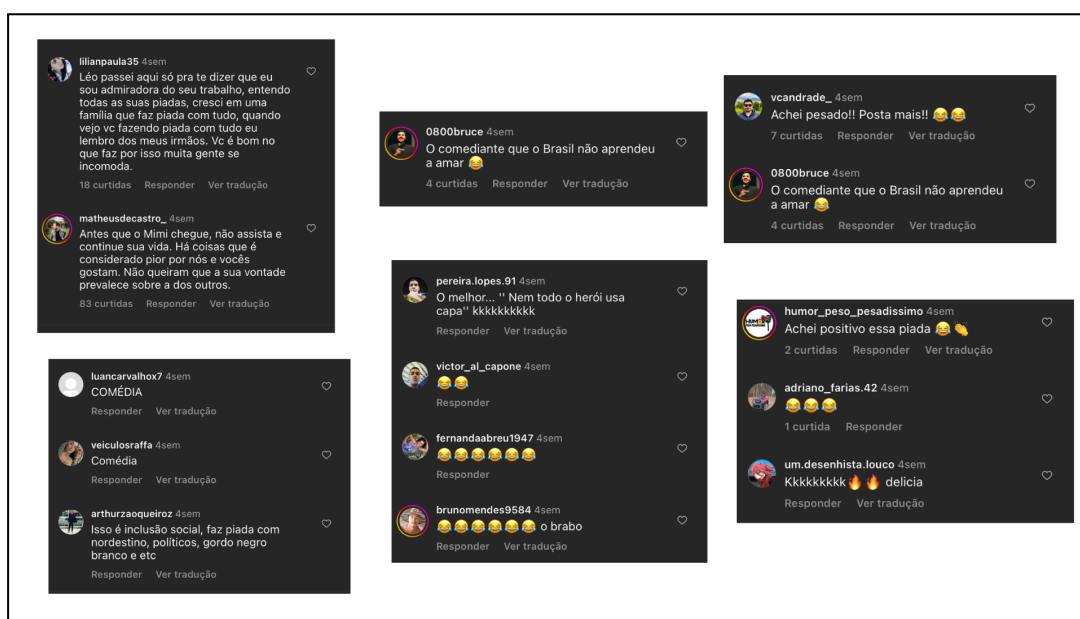


Imagem 2: Print publicações com maior engajamento

Após uma breve visualização nos feeds de suas redes sociais, nota-se pelos comentários que a maior parte de seu público é formada por jovens. Os canais do comediante são marcados por forte interação com o público de seu conteúdo, o que sugere, à primeira vista, que esses consumidores gostam do que é passado, ou que pelo menos existe uma conexão, uma forma de representação de suas ideias, mesmo sendo as mais “controversas”.



### Imagem 3: Comentários dos seguidores de L.L

Nossa questão de pesquisa começa com o fato de o humorista não considerar sua responsabilidade por crimes de preconceito abordados em suas piadas. As imagens acima, são comentários de seguidores, a partir de uma postagem no instagram, no qual é um recorte de seu show "*Perturbador*", ele finaliza uma piada sobre aids e já faz um link de improviso falando sobre um grupo de pessoas que são soro positivo para aids, e transmitem de propósito, da seguinte maneira:

Já que vocês riram de aids, acho um bom tema”, (público rir), então ele continua “ah, caramba. gente aplaudiu?! O clube do carimbo tá ai na casa? Nem todo mundo deve saber, é um grupo de pessoas que passam aids de propósito, elas são soro positivo e não falam, transam sem camisinha, eles têm um slogan bonito, nem todo herói usa capa, tem a ver com o clube deles né!

A partir do momento em que ele faz essa piada, um seguidor responde com “Achei positiva essa piada”. Ele normalizou a violência a pessoas soropositivas, e até mesmo a problemática do grupo que ele fala. Em nossa sociedade, apesar de nos anos 1990, ter tido bastante política de controle da aids e o Brasil ter sido exemplo, houve bastante combate ao estigma e foco na desmistificação da doença<sup>22</sup>, porém ainda hoje, 2023, ainda há muito tabu e preconceito com os soropositivos.

Quando Bergson fala sobre humor, ele faz questão de apontar três características principais: ele é essencialmente humano, exige “ausência de sentimento” por quem pratica, e é de grupos, quanto a ausência de sentimentos, entende-se que ao produzir humor, o autor tende a se preocupar menos com o outro para fazer o humor acontecer, ou seja, o descaso com o próximo é o objeto da piada, pois de alguma maneira, a piada o “ferirá” (FIGUEIREDO, 2012, p. 176). E é assim que L.L, sai em inúmeras matérias sobre suas piadas “sem noção”, e quem desaprova esse tipo de humor, são chamados popularmente de “mimizentos ou politicamente corretos”.

Em Setembro de 2013, Leonardo teve o visto cancelado, a pedido através de um abaixo assinado da população, para um show que faria no japão em virtude de piadas sobre o terremoto e o tsunami que atingiu o país. Sendo posteriormente recebido de volta, também a protesto ainda maior da população, e durante o seu show com os ingressos esgotados, fez as piadas *no sense* novamente<sup>23</sup>. Em outubro de 2021, o humorista foi condenado a pagar 5 mil

<sup>22</sup> Ver: FioCruz. Ver.: <<https://abrir.link/ETaIW>> Acesso em: 05/03/2023

<sup>23</sup> Ver: <<https://abrir.link/jX4sl>> Acesso em: 05/03/2023

reais por danos morais à dançarina Thais Carla, em um processo judicial que ela moveu contra ele por gordofobia<sup>24</sup>. No dia 4 de julho de 2022, o SBT demitiu L.L, encerrando sua atividade no *The Noite*. Isso ocorreu depois que se espalhou na internet, o vídeo de uma piada de Léo, envolvendo o Teleton com uma criança com hidrocefalia, ele disse:

Eu acho muito legal o Teleton, porque eles ajudam crianças com vários tipos de problemas. Vi um vídeo de um garoto no interior do Ceará com hidrocefalia. O lado bom é que o único lugar na cidade onde tem água é a cabeça dele. A família nem mandou tirar, instalou um poço. Agora o pai puxa a água do filho e estão todos felizes<sup>25</sup>.

Embora tenha tido diversas críticas dessa polêmica, o humorista comemorou o sucesso das vendas esgotadas de ingressos do show no Ceará, após o ocorrido<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> Ver: <<https://abrir.link/DjIbZ>> Acesso em: 05/03/2023

<sup>25</sup> Ver: <<https://linkss.app/ObbeA>> Acesso em: 05/03/2023

<sup>26</sup> Ver: <<https://linkss.app/duwaX>> Acesso em: 05/03/2023

### 3. Análise do caso L.L, ou: por que a piada da censura

Há uma grande discussão em andamento sobre os supostos limites que os comediantes devem ter ou não para contarem suas piadas. Há temas que não devem ser tratados? Regular a forma como essas questões entram nos shows, programas e perfis de comediantes seria um sintoma de censura? A “brincadeira” isentaria os comediantes de suas responsabilidades? Como mostramos anteriormente, L.L vem sendo responsabilizado por suas falas preconceituosas em vários momentos. No entanto, a partir do acompanhamento de seu perfil no Instagram, é bastante comum percebermos como o comediante trata (e contra-ataca) o questionamento de seu trabalho. Percebemos que a estratégia mais utilizada é enquadrar qualquer forma de regulação do seu conteúdo (e aplicação de sanções) como censura.

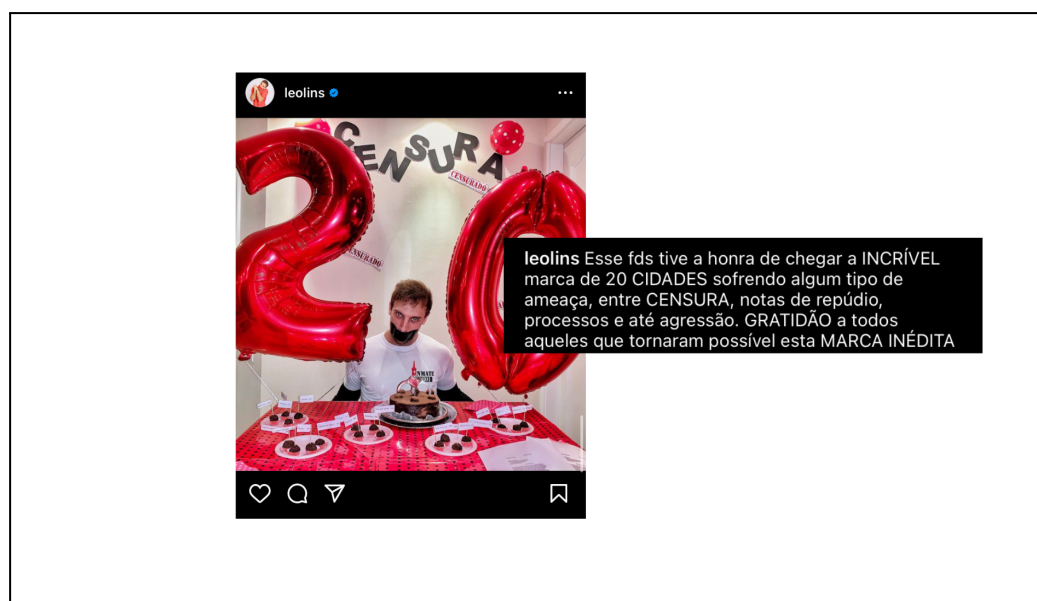
A memória coletiva sobre o termo censura recai, no caso brasileiro, primeiramente na experiência da ditadura militar (1964-1985), em que diversas produções culturais de forte apelo crítico ao regime eram proibidas e seus artistas, perseguidos. Os mecanismos de controle do Regime tornaram o teatro, linguagem de forte poder contestatório, “pobre”, como explica Rosa (2009): “A falta de critério da censura faz com que peças prontas para a estréia tenham de ser desmanchadas, causando grandes impactos econômicos para os grupos [...] Desta forma muitos grupos foram falindo” (p. 105). O empobrecimento material e estético promovido pela censura foi sensivelmente recuperado com a retomada democrática, a volta dos artistas com a anistia e a construção de um espaço público onde os cidadãos fossem livres para se expressarem é um dos grandes valores a serem celebrados.

Censura é portanto, um significante valioso para o processo de análise do nosso trabalho, uma vez que atua na construção de uma memória, que justificaria do ponto de vista da comédia que L.L representa. Em uma de suas formulações sobre o tema, o mesmo define em uma de suas inúmeras legendas sobre as tentativas de o censurarem:

Um ATAQUE muito perigoso está sendo feito ao humor. COIBIR VIA LEI UMA PIADA NO PALCO. A justificativa é a piada ser preconceituosa. Mas quem determina se a piada ofendeu ou não a honra de alguém ou um grupo?! Como vai funcionar esta ação do ministério público caso aprovada? Teremos um funcionário dentro dos teatros averiguando o riso? Questionando os espectadores se eles se ofenderam? Essa medida flerta perigosamente com a CENSURA. Trecho do Livro “Foi-se o martelo” sobre o humor no comunismo soviético: “Um novo tipo de riso foi imaginado e veio a ser conhecido como humor positivo... O estado soviético inculcava no novo homem um novo senso de humor... Não poderiam haver mais textos irônicos sobre apartamentos lotados de gente, falta de alimento no mercado e neologismos soviéticos”. Quantos e quantos shows já não tive censurados por fazer piadas com buracos de rua de uma cidade ou seu alto índice de criminalidade?! Mais de 30! Que seja um discurso então corrente: Se não pode piada com gordo, proíba também com magro. Se quando ofende não é piada, proíbam sátiras ao cristianismo. E claro as outras religiões também. Aliás, não apenas religião. Chega de piadas com profissões. O quanto um motorista de Uber não se empenha para

sustentar sua família? Ele não merece ser motivo de piada. E já que incluímos os motoristas, vamos dar o mesmo tratamento aos demais trabalhadores, autônomos ou registrados... Chega de piadas desmerecendo a polícia, como se todos os policiais fossem corruptos ou racistas... Chega de falar dos índios, eles já sofreram o suficiente. Assim como os animais, alguns até em extinção... CHEGA DE HUMOR.”

A reivindicação de censura contra seus conteúdos também pode ser entendida como uma estratégia. Numa matéria para o portal UOL, o jornalista Fefito<sup>27</sup> descreve o comediante como alguém “sem disposição para pedir desculpas”, o que faria das reações contra os seus conteúdos uma forma de dar ainda mais visibilidade para o comediante. A reivindicação da censura seria, portanto, uma espécie de estratégia profissional. A leitura do jornalista se alinha com o que muitas pesquisas sobre a dinâmica da Internet mostram sobre a capacidade de conteúdos “controversos” têm de se tornarem relevantes na rede. No cenário de escassez de atenção e excesso de informações e estímulos como as redes sociais, conteúdos que ganham relevância são aqueles que se mostram mais propensos a instaurarem uma controvérsia, uma polêmica. Leonardo aparenta aprovar essa estratégia desde um pouco depois do início de sua carreira, em 28 de maio de 2019 no seu instagram (Acesso em:06/03/2023), ele faz uma publicação irônica no qual consiste em uma decoração de festa, pela comemoração, como ele cita: [...] *Incrível marca de 20 CIDADES sofrendo algum tipo de ameaça, entre Censura, notas de repúdio, processos e até agressão* [...].



<sup>27</sup> PortalUol/splash.Disponível em:<<https://linkss.app/rlaoz>>. Acesso em: 05/03/2023

#### Imagem 4: Print da Comemoração de L.L sobre 20ª censura

### **3.1 Análise de Conteúdo**

A Análise de Conteúdo (AC) é uma metodologia qualitativa focada na compreensão do material analisado, sobretudo no que ela tem de sua recorrência. Desenvolvida por Laurence Bardin, trata-se de um método atento à organização e análise de dados a partir de um olhar situado do analista. Nesse caso, conforme tudo que expomos até então, é fundamental levar em consideração que essa análise se pautará pela noção de controvérsia e visibilidade que o termo censura e suas demais derivações (como liberdade de expressão, por exemplo) possam sugerir. Como explica a autora, a função primordial da AC é o desvendar crítico, incidindo sobre fontes de dados que tenham no texto (verbal ou não-verbal) sua superfície de contato (BARDIN, 2011). Segundo Bardin, a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados (p. 15).

A Análise de Conteúdo se divide em três fases a serem empreendidas. A primeira é a pré-análise (leitura flutuante), em que se estabelece um primeiro contato com o material analisado. É nessa fase que se formulam hipóteses e linhas de trabalho a serem investigadas. A segunda fase é a exploração do material, em que são apontadas as unidades de codificação e classificação. Para o trabalho, ficou decidida a escolha pelo termo censura, como uma expressão que além de render bastante engajamento na página, é capaz de produzir uma série de expressões sobre “liberdade de expressão”. Por fim, a terceira fase dá conta do tratamento dos resultados, com inferência e interpretação dos dados coletados.

### **3.2 Leitura Flutuante: o feed de L.L**

Nessa fase inicial do trabalho, Bardin (2011) explica que cinco características são fundamentais para pensar o corpus da AC. Assim, a leitura flutuante deve ser: (1) exaustiva, compreender o todo a ser analisado; (2) representativa, recortar amostras que relatam a realidade; (3) homogênea, amostras que tratem de um mesmo tema a ser analisado; (4) pertinente, os documentos se adaptam aos objetivos da pesquisa e (5) exclusivo, um mesmo elemento não se enquadra em mais de uma categoria de análise.

Tomaremos como ponto de partida o perfil do comediante L.L, ativo desde 2017. Contabilizamos um total de 484 postagens (Acesso em: 06/03/2023), cuja parte significativa dos conteúdos equilibra a promoção de shows e eventos ou de acontecimentos de sua vida pessoal. Antes da era digital, a ideia de celebridade era alguém intocável e de difícil acesso, o máximo de proximidade era em shows, ou na televisão, mas saber sobre a casa e a rotina, apenas em revistas de fofoca e com poucos detalhes, hoje com o instagram e a perspectiva do agora, o dia-a-dia virou uma condição/produto a ser consumido. Quando Edgar Morin (1989), fala sobre a produção em massa de estrelas por Hollywood, ou o que ele define de *star system*. Puramente ligadas ao capitalismo, as estrelas são produtos desse mercado e a máquina além de fabricar, mantinha e as promoviam, hoje são 2 aplicativos de uma rede social que exerce isso, o TikTok, que entrou em ascensão durante a pandemia, nascendo inúmeras sub-celebridades, com as famosas danças coreografadas e assuntos vazios sem muita relevância social, mas que vem fazendo bastante sucesso entre os adolescentes e o Instagram.

Durante a covid-19, os jovens reclusos em suas casas, apenas com o celular como forma de rápida distração e bombardeio de informações por minuto, falar sobre si, seu trabalho, mostrar seu estilo de vida, e rotinas glamourizadas de auto-cuidados, como com a pele, popularmente conhecido por “*skincare*”, passou a ser algo pertencente à atual cultura de massa. Atualmente, ninguém está fora das redes sociais, e principalmente quem ganha dinheiro com o backstage delas, o marketing digital, tráfego pago e copywriters, mas acima de tudo quem usa por passa tempo.

Desde seu surgimento, a importância dos aplicativos evoluíram muito rápido e a cada dia que passa, sendo atualmente uma peça fundamental, muitas vezes de equilíbrio entre trabalho, vida pessoal, a cultura de massa, “utiliza imagem ou palavra que faz apelo à imitação, conselhos, incitações publicitárias[...]”(MORIN, 1962). L.L, apesar de postar pouco sobre sua vida pessoal nas redes, não foge muito desse padrão quando incita que seus seguidores são doentes, como ele, e que isso é “legal”, criando uma aba no seu perfil com o título “DOENTES” e a foto de capa, ele em uma camisa que simula a ideia de uma camisa de força, explica “*para todos que forem doentes o suficiente como eu [...] Um artista não é nada sem público. Arte não se faz sozinho*”, cita que irá re-publicar as postagens que o marcaram, nossa sociedade atual, que cultua o narcisismo alheio, isso corrobora diretamente para a criação sutil de uma noção deturpada fazendo parte do imaginário social, a igualdade entre ele e seu público, através das redes, e assim a aba é repleta de publicações, expondo unicamente o que podemos chamar de o “show do eu” desses consumidores.

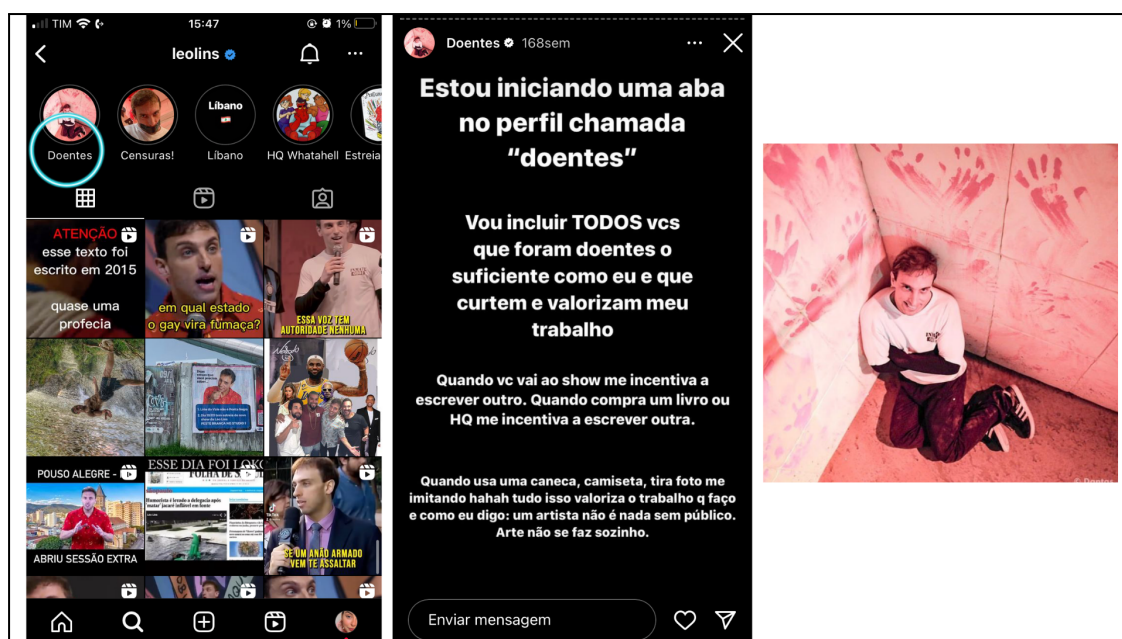


Imagem 5: Print Destaque no perfil de L.L, com título “Doentes”

Seguindo as instruções de Bardin (2011) é na etapa da leitura flutuante que o analista elabora algumas hipóteses sobre o corpus. São afirmações iniciais que podem ser comprovadas ou refutadas ao fim da pesquisa. A partir da leitura flutuante do corpus de L.L, é fácil identificar um material orientado para controvérsia e para o objetivo de chocar ou mesmo transgredir limites. Nos últimos tempos, o vilão dos quadrinhos e arquiinimigo do Batman, ganhou um olhar mais aguçado da mídia, após o lançamento do filme “Coringa”(2019), apesar de ao longo da evolução histórica esse personagem ter tido muitas versões, desde o bobo da corte, uma pessoa que fazia a realeza se calar, aceitar e rir diante do que ele falava e fazia, ao "Palhaço do Crime”, que seria a versão mais atualizada, que traz consigo muita simbologia. Nos estudos de representação da imagem e na psicanálise, essa figura abordada, é um psicopata sádico de mente brilhante, que tem seu estilo próprio com falas irônicas, é completamente insano e imprevisível. Seu desequilíbrio mental faz com que ele não tenha medo de nada, pois na sua visão tudo é uma piada.

Para criar a chamada de seu show, em 2019, L.L escolhe a representação de uma caixa com sua imagem acoplada a ela, vestindo uma camisa vermelha com onomatopeias do riso escritas nela, que vem a ser a blusa que ele usa nesse show intitulado "Perturbador", com tour pelo Brasil inteiro. Com a intenção de representar a figura do bobo da corte, sua caricatura



está saindo de dentro da caixa de surpresa e ao redor palavras em fitas, nos quais são temas de suas piadas, “racismo, gordofobia, gênero, sequestro..” todas palavras de questões sociais problemáticas nos quais ele transforma em piada, sendo por esses motivos, receber inúmeros processos nos quais não o amedrontam, pois como o coringa, para ele tudo não passa de piadas.

Outro episódio que antecede a chamada desse show, citado anteriormente, percebe-se também em seu instagram, um ensaio no qual o artista está vestido com camisa de força, representando-o como um louco, e o sorriso marcado de batom vermelho, com referências ao coringa, ao lado de sua namorada, Aline Mineiro, (Acesso em 06/03/2023) com a seguinte legenda “*Sou a favor de ter uma única pessoa. Isso de ter namorado espalhado em vários lugares deixa pra Elize Matsunaga*”, na qual faz referência a um caso de homicídio que chocou o país em 2012, no qual Elize mata e esquarteja o marido, espalhando seus membros em uma área de vegetação, na região metropolitana de São Paulo. Ou seja, ele gosta de atribuir para si, e deixa claro como acha cômico essa imagem de irônico, sádico e perverso, como se os consumidores também, pois se existe público para rir, tem espaço para a “piada”, senso ele controverso com ele mesmo, demonstrando friamente gostar dessa imagem e ao mesmo tempo, defender que tudo não passa de piada e que o que fala, não representa quem ele é de verdade.

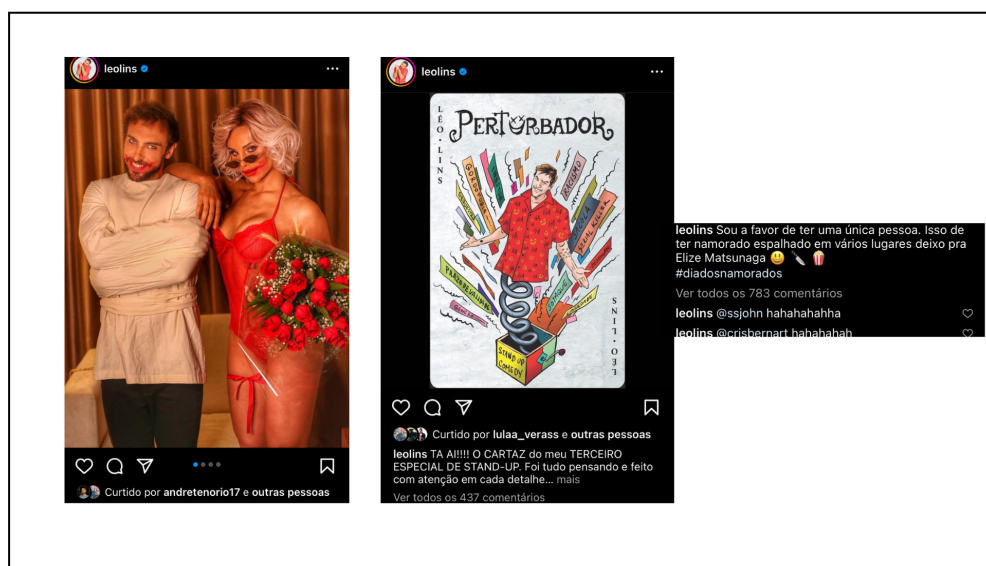


Imagem 6: Prints de publicações que L.L faz referências ao coringa

Faremos um recorte inicial de ordem temporal no corpus geral, considerando as postagens a partir de 4 de Março de 2020, quando ele anuncia seu terceiro especial, o momento em que começa de forma mais significativa, a representar de forma ilustrativa, o bobo, como já citado anteriormente. Nesse sentido, já operamos um segundo nível de análise, que considera materiais mais recentes e que reverberam a hipótese da controvérsia e transgressão. O segundo recorte se dará em função do termo censura, o terceiro recorte em função das postagens com maior alcance. Esse manejo do conteúdo é fundamental para a segunda fase da pesquisa (a exploração), em que poderemos emergir com dados mais concisos sobre o feed.

### **3.3 Exploração do material: o conteúdo da censura**

Seguindo as lições da AC, o termo censura é o nosso tópico a ser analisado. Para Bardin (2011), ele emerge de uma inferência na superfície a ser analisada, que se divide em quatro pólos de atenção: emissor, receptor, mensagem e canal. Nosso foco se dará na mensagem, não sendo possível desenvolvermos as demais e inferências nos demais polos. Para a autora, o foco na mensagem se dá a partir de três questões: significado, significante e significação. O significante é o termo censura, como já definido na fase da leitura flutuante.

Seguindo pelo lado do método interpretativo na psicanálise, os conceitos de significante, significativo e significado dados por Émile Benveniste, entra no trabalho como forma teórica, para trazer entendimento já iniciado anteriormente na leitura flutuante, mas agora a introduzir os 3 termos, de forma a conceituar o trabalho e sua análise de conteúdo. Portanto, quando se fala dos signos de linguagem “significação” corresponde ao valor semântico de cada frase, isoladamente, ou seja, o “discurso”, a forma como o humorista aborda seus tópicos específicos. O significante é o material do signo, ou seja, um termo tangível, no caso, a censura e o significado, vem a ser a normalização do conceito do que representa o significante a uma determinada realidade.

Significação, seria a forma discursiva que L.L usa a censura como seu objeto, passando a ideia de que a justiça, e parte da sociedade, que não o aprovam, querem a todo instante ser limitantes com seu trabalho. Entrando assim o significado, quando ele tenta normalizar sua fala, através de focar na “compreensão” dos consumidores, essa velada de sarcasmo, e quando ele tira do público o riso, ele traz a leveza para sua fala e assim, obtém o “reconhecimento”. Utilizando então a interpretação do leitor, “contra” qualquer argumento a partir de suas falas dúbias e completamente controversas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho se pautou no processo de percorrer uma trajetória de pesquisa que começou na reflexão sobre a comédia e sua função social desde os tempos medievais. O “bobo da corte” era uma figura de bastante visibilidade, demonstrando como a fala cômica pode muitas vezes revelar as contradições do poder. No capítulo 1, falamos sobre a construção histórica do personagem “bobo da corte” e sua importância crítica e política no período. Essa reflexão nos ajudou também a pensar como as pessoas veem e entendem o que é o humor, para além do fazer rir. Nesse processo é possível afirmar que muitas questões políticas são enfatizadas no humor e é também através dele que é possível descrever uma linha tênue do limite entre o cômico e o violento e agressivo, sobretudo contra minorias.

Muitas das falas que motivaram esse trabalho se dizem humoristas e soam, na verdade, como ofensas violentas. Essa violência, no entanto, hoje em dia, ganha bastante visibilidade por conta das redes sociais, gerando uma espécie de engajamento que dá ao ofensor protagonismo. O caso de L.L mostra como mesmo com o apontamento sobre as problemáticas sobre o tipo de humor que ele desenvolve, sua lógica a descreve como censura. No capítulo dois, abordamos como a construção do falar cômico no mundo virtual impulsionaram a carreira meteórica de L.L, demonstrando como as redes sociais impulsionaram sua visibilidade.

No capítulo três, focamos na análise de conteúdo do humorista L.L, mostrando que quanto mais suas piadas eram problematizadas, mas o humorista “ganhava” com o termo da censura, mostrando como o discurso desse tipo de humor na Internet produz não só a violência mas também o argumento em sua defesa. A análise de conteúdo do trabalho demonstra como o termo “censura” foi utilizado tanto de forma aberta quanto sutil, revelando uma narrativa que fazia com que o humorista se tornasse um tipo de vítima, da censura e do “politicamente correto”. Essa postura não só valida as falas problemáticas de L.L, como também engaja seguidores que apreciam esse tipo de conteúdo e atrai novas audiências, mobilizadas pela controvérsia da censura.

Por fim, é importante ressaltar a importância de se desenvolver mais trabalhos sobre como o sentido da censura surge em ambientes digitais em que conteúdos problemáticos (seja em forma de piada ou não) são apontados seja pela mídia tradicional, seja pelos movimentos sociais. A “piada da censura” de L.L se mostra dessa forma, como uma verdadeira estratégia,

que desobriga a sua responsabilidade perante as ofensas que diz e que lhe rendeu o capital mais importante na era da comunicação digital: engajamento.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Juscelino Moreira de et al . O palhaço, a psicanálise e o sujeito na contemporaneidade. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 39, n. 73, p. 83-89, jun. 2017 . Ver: <https://11nq.com/KFIbg>

SALVIANO, Jarlee. **Dionisiaca Ilha**: Nietzsche, o Riso e o Risível. 2022

BARBOSA, Livia.; CAMPBELL, Collin. (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. São Paulo: Editora FGV. 2006

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BAUDRILLARD. **Trabalho e hiper-realidade**. 1983

BEDUHN, Samantha. **Stand Up Comedy**: Saiba de onde veio e como funciona. (Fala!Universidade Federal de Pelotas (UFP), 2021. Ver: <[11nq.com/3rePB](https://11nq.com/3rePB)>. Acesso em: 23/02/2023)

BERGSON, Henri. **A moral do riso**. 2001

CORI, Cecília. **Bobo da Corte como dimensão política na arte**, In: 17ART Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, Brasília, 2018.

ROSA, S. M. da. Censura teatral no Brasil: uma visão histórica. *Literatura e Autoritarismo*, [S. l.], n. 14, p. 92–107, 2009. DOI: 10.5902/1679849X73904. Ver: <https://encr.pw/BFm0p>

FIGUEIREDO. **Apontamentos Teóricos sobre o humor e seus recursos**. p. 176, 2012

MORIN, Edgar. **As estrelas**: Mito e sedução no cinema. 1989.

MORIN, Edgar. **Cultura e comunicação de massa**. p. 103, 1962.